

BIOGRAFIA

## Autobiobiografia de Hélder Prista Monteiro



Nasci e fui baptizado em Lisboa, no ano de 1922, mais rigorosamente, pelas onze horas do dia trinta do mês de Maio.

Meu pai, Anastácio Cardoso Monteiro, era também natural de Lisboa e minha mãe, Helena da Conceição Prista Monteiro, nascera em Tomar onde, segundo consta, "os Pristas" se tinham insta-

lado no segundo quartel do séc. XVIII, vindos de Bergamo na antiga Gália Transalpina dos romanos. A ser assim, não destoaria do facto daquele nome vir incluído nos dicionários de Latim, onde é classificado como um substantivo da 1.ª declinação — Prista, ae — e tem o significado de "o lenhador".

Não deixa de ser curioso que em 1681 tenha nascido um médico escritor, Bernardo de Brito Pereira, que já em pleno séc. XVIII vem exercer clínica no Sardoal, não longe de Tomar e tenha tomado para si o pseudónimo de "Prista da Barreira" não se sabe se sob a influência dos recém chegados bergamaços aquelas paragens.

Seja como for senti que a primeira coisa boa que a vida me ofereceu foi ter nascido de tal mãe. Mais tarde viria a reconhecer que o matriarcado em que sobrevivemos me foi particularmente favorável sobretudo na minha carreira literária.

O meu ensino primário decorreu também em Lisboa tal como o secundário, no velho liceu de D. João de Castro, para o final do qual é manifesta a minha indecisão entre letras e ciências já que nesse tempo o 7.º ano incluía todas aquelas disciplinas.

É por essa altura que tenho a minha primeira experiência literária, com a tentativa de escrever um romance que de pouco mais passou que dum título, "Romance sem heróis" mas que, contudo, aos dezassete anos, poderia denunciar já algum desencanto. Assim, decidi pela Medicina contando então vir a especializar-me em Psiquiatria, o que não tendo acontecido viria depois a provocar no meu mestre e amigo Prof. Barahona Fernandes, algum complexo de culpa que de modo nenhum poderia ser justificável.

Talvez, apenas por uma semi-consciente compensação, matriculo-me, enquanto frequento o

F.Q.N. da Faculdade de Ciências, no Curso de Filosofia Geral do Instituto de Cultura Religiosa. Desiludido e frustrado com o "curso" que aquele Curso ia tomando abandonei-o pouco tempo depois.

Ainda na Politécnica alguém me desafiou para colaborar no jornal estudantil "Horizonte" que tinha como lema a célebre frase — "Valeu a pena?... " e como patrono, o seu autor Fernando Pessoa. Contudo, o jornalinho não viria a ultrapassar a meia dúzia de edições.

E assim começa a minha formação superior na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Ali me formei, aos vinte e três anos, com a classificação de 14 valores.

Depois do Serviço Militar, como alferes-médico, em Tancos, voltei para Lisboa e preparei-me para o Internato-Geral dos Hospitais Cíveis de Lisboa. E deste modo venho a ser colocado num Serviço de Cardiologia, dirigido pelo Prof. Jacinto Moniz de Bettencourt, o que de certo modo condicionaria uma boa parte da minha vida profissional. Terminado o Internato Geral, com um louvor passado pelo Enfermeiro-Mór dos Hospitais Cíveis de Lisboa, concorro ao Internato Complementar de Clínica Médica, o qual tive de interromper, em plena prova, por doença súbita. Continuei, porém, a trabalhar em Cardiologia, quer colaborando em comunicações à Sociedade Médica dos Hospitais, quer em diferentes "Cursos" que o Prof. Moniz de Bettencourt organizava, tais como os de "médicos de província" realizados anualmente e onde fiz demonstrações sobre medição de Pressão Venosa, Infiltração do Estrelado pré-aórtico, etc.

Durante este período fui fazendo tímidas incursões literárias, colaborando na Revista "Serões" dirigida pelo Prof. João de Almeida Lucas, entre os anos de 1949/51.

Por esta altura, também, fui convidado para assistente da cadeira de Fisiologia dirigida pelo Prof. Joaquim Fontes, mas da qual tive de desistir por, ao fim de cerca de dois anos, ainda, não me ter sido dada posse oficial do cargo.

Entretanto, em 1952, caso com Helena Eugénia Chagas Pinto, licenciada em Filologia Germânica, minha companheira de estrada há mais de quarenta anos.

Por essa altura publiquei alguns trabalhos entre os quais, em 1954, "As infiltrações pré-aórticas de novocaina no tratamento da angina do peito" e em 1955 "Tratamento da angina do peito com um

novo princípio da Ammis Visnaga" que, com colaboradores, nos valeu o "Prémio Mac Bride". Em 1956 estes trabalhos foram destacados em "La Presse Médicale".

Mas, entretanto, em 1953 nascera-me a primeira filha, Maria do Rosário.

Correspondia então esta época a um período de expansão de Centros públicos e privados para profilaxia e tratamento da Tuberculose Pulmonar. A par dos respectivos edifícios abrem-se numerosas vagas para os povoar e acabo por aceitar o convite do Prof. Moniz de Bettencourt para, cumulativamente, trabalhar no Dispensário D. Amélia onde, ao tempo, era ele próprio também assistente. E lá fiquei fazendo quase uma dezena de pneumotorax, diariamente, entre 1952 e 1954.

Em 1953 fiz um estágio no Centro de Profilaxia e Diagnóstico do I.A.N.T. E assim, uma vez mais, a minha carreira irá sofrer uma inflexão. Das minhas ambições em Psiquiatria passara à Cardiologia e agora estava prestes e encetar aquela que viria a ser a minha especialidade definitiva.

Em 1954, após Concurso de Provas Públicas para assistente dos Sanatórios tomo posse desse cargo no Sanatório D. Manuel II, no Porto. Daí por diante fui sendo sucessivamente transferido para o Dispensário Dr. António de Azevedo, para o Dispensário de Almada e finalmente por Concurso de Provas Documentais, em 1956, para o lugar, recém-criado, de 1.º Assistente do Sanatório de Torres Vedras, onde me conservei durante cerca de quatro anos.

Entretanto, em 1955, nascera-nos o segundo filho, Pedro Miguel.

Em 1956 sou nomeado Pneumotisiologista pela Ordem dos Médicos e em 1957 nasce-nos o terceiro filho, João Manuel.

Em Dezembro de 58 sou nomeado pelo Conselho Regional de Lisboa da Ordem dos Médicos para, com Carlos Vidal e Jorge Vieira, constituirmos a Comissão Regional da Especialidade de Pneumotisiologia. É ainda neste ano que ocupo o lugar da minha especialidade na Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio de Lisboa, onde me conservei cerca de trinta anos.

A chegada de três filhos em tão curto espaço de tempo desenvolve em mim o engenho para aumentar as fontes de receita e assim, além do consultório de St.º Amaro, que funciona diariamente, entro para o do meu amigo e mestre Prof. Moniz de Bettencourt, na Avenida da Liberdade e

faço experiências, de duração efémera, ainda noutros locais como na linha de Sintra e na Picheleira.

Com muitas probabilidades de ter sido esta excessiva actividade a responsável, aos trinta e sete anos, durante uma partida de "tennis", sou vítima do meu primeiro enfarte de miocárdio. Nessa altura, Paul White decretava que aquela era a doença dos banqueiros e dos sessenta anos de idade. Não fôra o susto e a minha hilariedade teria sido total, pela ironia que o Destino tivera em me incluir em tal grupo. O enfarte, embora da parede posterior, o que naquela altura, não permitia um esclarecimento completo, teve uma evolução boa e rápida. Contudo, este acidente veio certamente preparar o caminho para aquilo que de futuro seria o meu refúgio contra o que todos os livros de Cardiologia murmuravam aos meus ouvidos — o prognóstico.

No ano seguinte, em Dezembro de 1960, sou transferido de Torres Vedras para o lugar de 1.º Assistente do Sanatório Rainha D. Amélia, mal aberto ainda, e que fazia parte do Centro Sanatorial do Lumiar.

Em 65 colaborei no trabalho "Ensaio Clínico com uma etilcarbanilida em tratamento combinado da Tuberculose Pulmonar".

Entretanto tinha dado já início à minha carreira de vagamundo acompanhado de minha mulher e todos os filhos, que assim virão a conhecer, com algum detalhe, quase toda a Europa.

Em Janeiro de 69 sou considerado pela Ordem dos Médicos "como tendo idoneidade técnica para o exercício da função de médico de trabalho" o que me permitiu ser nomeado Director Clínico da Fábrica de Material de Guerra de Braço de Prata.

Quando chega o ano de 70, a 30 de Abri, sou nomeado Chefe de Serviço Central do Centro Sanatorial do Lumiar.

Em 30 de Novembro de 1971 fiz parte do Júri para Pneumotisiologistas, nos Hospitais da Universidade de Coimbra, onde fui encontrar um jovem candidato que viria a fazer uma brilhante carreira na especialidade. Refiro-me ao Prof. Ramiro Goulart de Ávila.

Além deste júri serei membro ainda de mais dois ou três, ao longo da minha carreira. Ainda nesse ano e por impedimento do Dr. M.P. Yglésias de Oliveira tomei a direcção do Sanatório Rainha D. Amélia.

Em 1972 publiquei o primeiro caso em Portu-

gal do "Pulmão do criador de periquitos" de colaboração com Ramiro Ávila, e nesse mesmo ano surge-me o segundo enfarte. Este manifestou-se mais grave mas a recuperação foi, ainda assim, muito boa embora não tenha deixado de impedir, naturalmente, que eu completasse o Curso de Administração Hospitalar iniciado meses antes.

Em 72 e ainda pelo impedimento do Dr. M.P. Yglésias de Oliveira, por despacho do Ministério da Saúde e Assistência, fui encarregado oficialmente da Direcção do Sanatório Rainha D. Amélia que tinha por inerência o cargo de vogal do Sanatório D. Carlos.

Por esse tempo o meu gosto pelas viagens de longo curso tinha aumentado. Acompanhado agora, apenas por minha mulher, podíamos ir mais longe e mais demoradamente. Assim, ao longo de cerca de quinze anos, fomos visitando os Estados Unidos, o Egipto, o Japão, a Palestina, o México, as Filipinas, o Brasil, a Rússia, etc..

Em 1974, a 2 de Março, por indicação da Dr.ª Madalena Perdigão, sou empossado no cargo de Professor Contratado do novel Curso de Anatomia do Conservatório Nacional, Secção de Teatro.

Talvez porque em 58 nunca chegara a tomar posse da Comissão Regional da Especialidade, em Dezembro deste ano é-me renovado o convite.

Ainda em 74 foi publicado por Margarida Cristóvão, Melo Sampaio, Jaime Pina e a minha discreta colaboração, o trabalho intitulado "Tuberculose ganglionar. Revisão Bibliográfica e Clínica".

A partir deste ano o Centro Sanatorial do Lumiar vai tornar-se no Hospital de Pulido Valente e cada um dos quatro pisos do Sanatório Rainha D. Amélia em quatro Serviços distintos de Pneumologia, cabendo-me de principio a Direcção do Serviço 4.

Em Abril de 76 fui reconduzido na função da Comissão Regional da Especialidade pela Comissão Directiva Provisória da Ordem dos Médicos.

Oito anos mais tarde o meu coração sofrerá o seu terceiro enfarte e no ano seguinte, em consequência de um novo agravamento, terei de ser sujeito, no Hospital de Santa Cruz a uma série de "by pass".

Em 1990 fui eleito para o Conselho Geral do Hospital de Pulido Valente.

Entretanto frequentei vários Congressos e Jornadas da especialidade, em Lisboa, Porto, Coimbra



e Madeira, tendo a convite do Prof. Robalo Cordeiro, com ele presidido a uma mesa numa sessão das Jornadas de Actualização Pneumológica em Coimbra, no ano de 1991.

Ainda nesse ano proferi no Palácio Foz, no "Dia Mundial da Tuberculose" uma conferência subordinada ao título "A Tuberculose e o Romantismo" de que voltarei a falar mais tarde.

Finalmente, a 6 de Dezembro, no L.N.E.C., leio a minha "História Concisa da Tuberculose", tema que me fôra proposto pela Direcção do H.P.V.

Assim chegamos ao ano de 1992 em que, a 2 de Abril, a meu pedido, passo ao regime de aposentação, dedicando-me desde então, exclusivamente, à actividade literária.

Porém, já desde 1959, como atrás referi, a minha vida tinha sofrido uma dicotomização. Por essa altura, já casado, os filhos tendo passado a sua 1.ª infância, a carreira profissional assegurada, e tendo como causa desencadeante, os problemas de saúde, pude reencontrar-me com as "letras" desejo sempre mantido em "stand by".

Uma nova corrente literária varria então a Europa e a América, catorze anos após o final da II Guerra Mundial. Dir-se-ia que os espíritos estavam agora maduros. Falava-se de Nouveau Romam como de Nouveau Théâtre ou Teatro do Absurdo, onde surgiam nomes como Samuel Beckett, Ionesco, Adamov, Pinter, John Osborne ou Nathalie Sarraute, Marguerite Durras, Chabrol, Kerouac, etc.

Entusiasmado com uma linguagem que já estava longe de me ser estranha e tendo por mim o incentivo de encontrar algo que iludisse o meu stress, escrevi então a minha primeira peça de teatro, "Os imortais" que obtêm de imediato certo êxito junto de um círculo restrito de intelectuais, José Régio, Luís de Lima, António Pedro, Luís Francisco Rebelo, Bernardo Santareno, etc.

Julgo que nessa altura todos os jovens, tanto na Europa como na América, estiveram sujeitos aos mesmos efeitos da Guerra e a eles terão reagido de maneiras idênticas, fosse em que latitude fosse.

Aquela primeira peça seguiu-se pois, "A Rabeca" e já em 1960 "O meio da Ponte", o "Anfiteatro" e a "A Bengala". Em 61 é a vez do "Folguedo do Rei Coxo". Neste ano o C.I.T.A.C. estreia no Teatro Avenida de Coimbra "A Rabeca" que mais tarde virá a ser representada em Lisboa, no Teatro Vasco Santana, no Teatro da Trindade e emitida

pela Radio-televisão. Grupos de amadores, um pouco por toda a parte, vão representando algumas das minhas peças.

Em 1963 sai "O Colete de Xadrez" cuja estreia no Teatro Nacional tinha sido considerada, mas não pudera realizar-se por o Teatro ter sido quase totalmente destruído por um incêndio.

Em 1969 morre José Régio e no ano seguinte sou convidado a participar no seu "In Memoriam" com o texto "Meu caro Régio".

Em 72 escrevi "O Candidato" que em 76 virá a ser também emitida pela R.T.P.

Em 73 o jornal "Expresso" publica o meu primeiro conto "Não é proibido morrer" e é neste ano ainda que, como atrás foi dito, início os cursos de "Anatomia aplicada ao Teatro" e "Anatomia aplicada ao Ballet", nas respectivas Escolas e que eu regi até 1976. Em 74, porém, "A Bengala" ganha o "Prémio Marcelino Mesquita" da Sociedade Portuguesa de Escritores Médicos então presidida pelo Prof. Barahona Fernandes. A peça era assim recompensada pelos anos seguidos de perseguição da Censura.

Neste ano dá-se ainda um acontecimento importante na vida intelectual do país. Ainda antes do dia 25 de Abril é permitida a reabertura da antiga Sociedade Portuguesa de Escritores, destruída anos antes pela "Pide". Inaugurada agora, obrigatoriamente, com o nome de Associação Portuguesa de Escritores, é seu primeiro presidente o poeta José Gomes Ferreira e é-me atribuído, como sócio fundador, o N.º 94.

Um ano depois fui eleito Secretário-Geral da Sociedade Portuguesa de Escritores Médicos (S.O.P.E.M.), cargo que desempenhei durante dezasseis anos consecutivos. Ainda em 75 escrevi a pedido do seu autor, um breve ensaio que veio a servir de prefácio à 2.ª Edição de "Torres Milenárias" com o título "A autocensura e os temas erótico e sócio-político em Urbano Tavares Rodrigues".

Em 1976 fui convidado pela Sociedade Brasileira de Escritores Médicos para proferir no Rio de Janeiro uma conferência sobre José Régio que depois repeti na Faculdade de Letras da Universidade Estadual do Rio de Janeiro a convite do Prof. Leodegário de Azevedo. Este ensaio foi posteriormente editado pela Biblioteca Municipal de Tomar.

Em 1977 escrevi a minha 9.ª peça "Os Faustos" e representei, a pedido da autora, um pequeno papel no filme de Solweig Nordlund "Nem Passa-

ro nem Peixe”.

No ano seguinte escrevi “O Fio” e recebi da Secretaria de Estado da Cultura um prémio de selecção.

Em 79 foi a vez de “A Caixa” que virá a ganhar o 1.º Prémio de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura e de que, mais tarde, o realizador Manoel de Oliveira virá a fazer um filme.

É ainda neste ano que as peças “O Fio” e “Folgado do Rei Coxo” são destacadas pela S.E.C. para fazerem parte dum repertório nacional de Teatro.

Em 1980 escrevo “O Mito”, peça que virá mais tarde a receber três prémios.

Em 81 fundei e ofereci o “Prémio Bernardo Santareno” em homenagem ao amigo e ao autor que falecera havia pouco.

Um ano depois “O Mito” ganha ex-aequo o 1.º Prémio do Concurso do Circulo de Cultura Teatral do Porto. Ainda em 82, no II Congresso de Escritores Portugueses, apresentei uma comunicação subordinada ao tema “A Literatura durante o Fascismo: Censura; Autocensura, etc.”.

EM 1983 “O Fio” ganha outro Prémio Marcelino Mesquita da S.O.P.E.M. e é nesse ano ainda que escrevo o meu décimo terceiro texto dramático “Naturalmente! Sempre.”.

Em 84 o Teatro Nacional D. Maria II, finalmente reconstruído, leva à cena uma colagem de várias peças minhas sob o título de “Os reis coxos”.

Um ano mais tarde ganhei o 1.º Prémio de Teatro da Sociedade Portuguesa de Autores, com a minha recente peça “A Vila”, a qual vem ainda a receber outro Prémio Marcelino Mesquita.

Em 1986 escrevi a décima quinta peça a que dei o nome de “Não é preciso ir a Houston” em homenagem a Garrett mas também à Medicina Portuguesa e à Vida.

As minhas peças, especialmente as de poucas personagens, continuam a ser encenadas por pequenos grupos de teatro amador.

Em 87 sai no Boletim do Hospital de Pulido Valente o meu artigo “José Régio no Sanatório Rainha D. Amélia”.

A peça “De Graus” é escrita em 1988 e o ano seguinte é para mim um ano fasto pois vim a acumular quatro prémios literários. “De Graus” ganha o “Prémio Garrett” da Secretaria de Estado da Cultura, cuja estatueta me é entregue em Évora na presença do Primeiro Ministro e do Secretário de Estado da Cultura, “Não é preciso ir a

Houston” vence a única Menção Honrosa concedida no mesmo Concurso. “O Mito” recebe o “Prémio Eça de Queiroz” da Câmara Municipal de Lisboa e este mesmo trabalho, o “Prémio Marcelino Mesquita”, que obtenho pela quarta vez.

Ainda em 89 escrevi o conto “Vida e morte do meu carro” que é editado pela Revista do Auto-Clube Médico Português.

No ano seguinte escrevi o conto “O quarto” que juntamente com outros, alguns ainda inéditos, penso vir um dia a reunir num volume.

É ainda em 1990 que escrevo para o “J.L.” o ensaio “Régio, verso e anverso” e participo no XI Congresso Internacional de Críticos de Teatro.

Na cidade de Lamego estreia-se a minha peça “O Fio”.

Em 1991 realiza-se o Festival de Teatro da cidade da Amadora que nesse ano tiveram a amabilidade de me dedicarem. Foram duas semanas de conferências, exposições, representações teatrais e de “Zés Pereiras” pelas ruas. Foi neste ano ainda, como já foi citado, que a convite do Prof. Robalo Cordeiro proferi a conferência “A Tuberculose e o Romantismo” que foi acompanhada de temas musicais, leitura de poemas e representações de pequenos excertos de peças de autores românticos, quer nacionais quer estrangeiros, vítimas daquela doença.

Em Maio participei num filme documental realizado em homenagem ao Dr. José Maria Antunes. Por essa mesma altura a comissão de leitura do Théâtre National Chaillot, de Paris, mostra-se muito interessada na montagem da tradução francesa da peça “A Caixa” o que, contudo, até hoje não se verificou.

Em Novembro, no III Congresso de Escritores Portugueses, apresentei uma comunicação sob o título de “A Literatura na viragem do século”.

O ano de 1992 vem encontrar-me em vias de aposentação e conseqüentemente de dedicação exclusiva à vida literária. Em Setembro participei no 37.º Congresso da União Mundial de Escritores Médicos, com o trabalho “Utopias. Um bem ou um mal?”.

No mês seguinte é seleccionada, pelo Centro de Documentação Teatral do Ministério da Cultura de Espanha, para ser incluída numa “Antologia de Teatro Ibero-Americano”, a minha peça “A Caixa”.

E assim chegamos a 1993. Entre Setembro e Outubro, apesar dos problemas de saúde, escrevi a minha décima sétima peça “Auto dos Funâmbu-

los". Em Outubro, Manoel de Oliveira inicia a rodagem de "A Caixa" e em Novembro começam os ensaios de "De Graus" que será estreada no fim de Dezembro pela Companhia de Teatro Municipal de Almada. Em Novembro, ainda porém, participei no I Congresso de Teatro Português com a comunicação "Ser ou não ser dramaturgo".

Contudo os meses de Setembro e Outubro seriam para mim muito conturbados tendo havido necessidade de ser internado com uma crise de insuficiência cardíaco-respiratória post-pneumonia.

Nesta fase da minha vida literária tenho todas as minhas peças editadas já que o "Auto dos Funâmbulos" deve sair ainda antes do Natal.

Além de sócio fundador da Associação Portuguesa de Escritores e do Centro Português de Teatro, sou ainda sócio-cooperador da Sociedade Portuguesa de Autores, ex-Secretário Geral da Sociedade Portuguesa de Escritores Médicos, ex-sócio da Sociedade Portuguesa de Cardiologia e sócio da Sociedade Portuguesa de Patologia Respiratória.

Dezembro de 1993

Prista Monteiro